

## ANÁLISE DA FIGURAÇÃO FEMININA EM *O TEMPO E O VENTO*, DE ÉRICO VERÍSSIMO

**Gisele do Rocio Borges\***  
anabel-lee@bol.com.br

**RESUMO:** O presente artigo busca mostrar as relações existentes entre o discurso histórico e o discurso literário, ambos repletos de significação. A História Nova, ligada à *École des Annales*, mostra que todo discurso apresenta uma ideologia. É sobre a ideologia presente em *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo, que focaremos este trabalho. A obra estabelece uma dialética entre os valores sociais e os valores apresentados, sendo que o narrador deposita sua ideologia na ação das mulheres, que serão o ponto de permanência e continuidade. É a partir dessa premissa revisionária do discurso oficial que faremos nosso estudo, analisando a matriz feminina na obra, centralizando nosso enfoque às personagens de Ana Terra e Bibiana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ideologia, mulheres, Veríssimo.

**ABSTRACT:** *The present article looks for to show the existent relations among the historical speech and the literary speech, both replete of significance. The New History, linked to École des Annales, it shows that every speech presents an ideology. It is on the present ideology in O Tempo e o Vento, of Érico Veríssimo, that we will give attention in this work. The work establish a dialectic between the social values and the presented values, and the narrator deposits your ideology in the women's action, that they will be the permanence point and continuity. It is starting from that ideology revisionary of the official speech that we will make our study, analyzing the feminine head office in the work, centralizing our focus to characters Ana Terra and Bibiana.*

**WORD-KEY:** *Ideology, women, Veríssimo.*

Árvore pesada de flores,  
minha amada, na primavera:  
tão só naquele descampado,  
quando as águas caíam, era

uma cruz alta a florescer  
no chão tão triste do meu ser,

assim pensava Pedro, bem antes  
de possuir sua Ana Terra,  
e ser morto em campos distantes,  
campos de coxilhas e serras,

(Alberto da Cunha Melo)

---

\*Gisele do Rocio Borges é mestre em Estudos Literários pela UFPR.

De modo geral, estamos condicionados a analisar e a pensar a História a partir dos grandes episódios e seus ilustres protagonistas. Do mesmo modo, a História considerada “oficial” passou a ser meramente a narrativa dos grandes acontecimentos, das epopeias de grandes heróis; isto é, contemplando uma “visão maniqueísta” dos fatos. Circunstancialmente, não se procura compreender o contexto em que estão inseridos aqueles que não dispuseram da imortalidade dos documentos históricos. Contudo, na década de 30, surge uma nova corrente historiográfica associada a *École des Annales* na França. Propondo-se então, uma nova forma de se fazer a História, caracterizada como história total e história estrutural, por aportar-se não só nos eventos, mas também nas mentalidades envolvidas nos contextos historiográficos.

Desse modo, ocorreria um resgate do contexto histórico; isto é, uma investigação daqueles que estiveram à margem das narrativas que constituem o aporte historiográfico sob o qual está erigido o cânone formador do pensamento ocidental.

Seguindo esse veio de pensamentos, encontra-se o escritor Érico Veríssimo, que procurou construir sua literatura sob uma ótica revisionária, especialmente em *O Tempo e o Vento* que irá confrontar a visão das grandes sagas e epopeias, construídas a partir de uma abordagem maniqueísta dos fatos, desse modo excluindo a voz feminina do discurso oficial.

A narrativa é norteadas por vozes femininas que constroem a história, sobretudo no *O Continente*, em que Ana Terra inaugura a Saga da família Terra. A partir de então, Ana se torna o ponto em torno do qual orbitarão os principais eventos e também a grande responsável pela continuidade da família, que se funde, posteriormente, em Terra-Cambará.

Dentre as diversas analogias existentes para o nome de Ana Terra, encontram-se algumas partindo do próprio autor: “Eu penso nela como uma espécie de sinônimo de mãe, ventre, terra, raiz, verticalidade (em oposição à horizontalidade nômade dos homens), permanência, paciência, espera, perseverança, coragem moral” (CHAVES, p. 76).

A saga dos Terra-Cambará edifica-se a partir das lembranças e memórias de Ana Terra, que remontam ao ano de 1777, no contexto das guerras missionárias: “No *O Tempo e o Vento* o autor faz da formação do Rio Grande do Sul um drama que transcende naturalmente a história, superando a ordem cronológica do tempo e a ordem física do espaço: um drama essencialmente humano, em que o psicológico e o social se confundem num mesmo e extraordinário plano de projeção” (MONTENEGRO, p. 269).

Filha de Maneco Terra e Henriqueta, Ana tornou-se uma mulher de personalidade forte e marcante. E, ainda que criada sob um rígido patriarcado – onde mulheres e escravos figuravam como extensão da propriedade masculina – ela insistia em aspirar a uma outra forma de viver; sobretudo habitar lugares mais povoados (como Sorocaba, onde morou

quando criança). Era como se intuísse que havia outras formas, inclusive mais requintadas de se viver: “Uma tarde, à hora da sesta, Ana Terra tornou a sentir aquela agonia de outras tardes e noites. Era uma sensação que não saberia descrever a ninguém. Seria fome? (...) Havia acabado de almoçar, estava de estômago cheio; logo não podia ser fome. Tinha a sensação de que lhe faltava alguma coisa no corpo, como se lhe houvessem cortado um pedaço do ser” (VERÍSSIMO, 1994, p. 54).

O jugo masculino é algo marcante dentro da saga, em especial no capítulo dedicado a Ana Terra em que será sempre Maneco Terra quem decidirá os rumos da família, impondo sua vontade a todos: ”D. Henriqueta respeitava o marido, nunca ousava contrariá-lo” (VERÍSSIMO, 1994, p. 16).

Outro elemento, o vento, torna-se onipresente – circundando todos os momentos definitivos e marcantes da história – servirá também de instrumento demarcador do universo feminino: ”Sempre que me acontece alguma coisa importante, está ventando” (VERÍSSIMO, 1994, p. 1). E foi num dia assim que Ana Terra conheceu o mestiço Pedro Missioneiro, ferido perto da sanga e recolhido pelo pai e os irmãos.

O índio foi ficando e se incorporando ao clã. Ali vivia, trabalhava, tocava flauta e contava histórias. Pedro vivera junto das missões jesuíticas, possuía uma aura de mistério, era também conhecedor de muitas histórias.

Esse intruso despertava em Ana sentimentos e sensações que a confundiam e seduziam. Através da prestatividade e brandura com que o mestiço procedia, ela se deparava com um tratamento inverso ao dos homens com que convivia, assinalando uma outra possibilidade para a natureza masculina, algo que surpreendeu-a. Questões vitais parecem ter despertado em Ana Terra, coisas latentes que há muito desejavam vir à tona, porém com as quais ela não sabia lidar: “Ana estava inquieta. No fundo ela bem sabia o que era, mas envergonhava-se de seus sentimentos. Queria pensar em outra coisa, mas não conseguia. E o pior era que sentia os bicos dos seios (só o contato com o vestido dava-lhe arrepios) e o sexo como três focos ardentes (...). Muitas noites, quando perdia o sono, ficava pensando em como seria a sensação de ser abraçada, beijada, penetrada por um homem” (VERÍSSIMO, 1994, p. 44).

A partir de então, Pedro e Ana viverão uma intensa e efêmera relação. Passados alguns meses, acontece a descoberta da gravidez da filha, ocasião em que Maneco Terra ordena a Antônio e a Horácio, seus dois filhos, que matem o índio. Afinal, o forasteiro é alguém que quebra as regras e não pode incorporar-se ao seio da família, por ser antes de tudo um índio, desse modo devendo ser extirpado do convívio.

A mando do pai, os dois filhos executam Pedro longe do rancho, para não infringir as regras de hospitalidade, entretanto não conseguem esconder o fato da irmã:

Antônio e Horácio voltaram ao clarear do dia. Estavam pálidos e tinham nos olhos tresnoitados um apagada expressão de horror. Nada disseram ao entrar; ninguém lhes perguntou nada. Estendida no catre, Ana ouviu o ruído dos passos dos irmãos, abriu os olhos e ficou a seguir o movimento de suas sombras (...) Viu quando um deles atirou uma pá no chão. Compreendeu tudo. Numa súbita revolta desejou erguer-se, correr para os irmãos, meter-lhes as unhas na cara, arrancar-lhes os olhos, mas ficou imóvel, sem ânimo para mover-se ou falar. (VERÍSSIMO, 1994, p. 65)

A trajetória de Ana Terra ratifica a ideologia de elementos dominantes que circundam a sociedade patriarcal, onde as mulheres eram submetidas à conformidade de sua “sina” (servir e procriar), não cabendo qualquer espécie de questionamento ou rebeldia. No entanto, quem se rebela é a figura do narrador, ao retratar a saga dessa mulher valente que irá passar adiante a história.

Depois do episódio do assassinato de Pedro Missioneiro, Ana e seus irmãos nunca mais puderam olhar-se nos olhos. Ela chegou a pensar em se matar com o punhal que Pedro lhe dera, mas sentiu-se irremediavelmente presa à vida, já que havia a latente consciência de um filho em seu ventre. Embora continuasse a viver no rancho, a opressão e a hostilidade que sofria aumentavam acentuadamente. Passou então a ser oficialmente ignorada pelo pai e pelos irmãos, como castigo para com a atitude transgressora que tivera: “Nesse mundo sem calendários nem relógios, uma jovem mulher libera seus instintos vitais e consegue, inconscientemente, provar que Eros é mais forte do que Tânatos. Ana Terra é uma das primeiras e mais fortes personagens da literatura brasileira a denunciar a opressão da mulher na sociedade brasileira, mas sem comícios, com a força, apenas, da coragem e da beleza” (MELLO).

Érico Veríssimo traz à tona questões essenciais à revisão da História, contribuindo para questionamentos a respeito da história que não consta no “discurso oficial”. O retrato da condição vivificada pela mulher ao longo dos tempos e a busca da alteridade feminina mostra-se objeto de larga pesquisa, que vem despertando o interesse de muitos pesquisadores. Seguindo esse veio de pensamentos, está a escritora Linda Hutcheon, que em seu livro *A Poética do Pós-Modernismo* consegue retratar de modo bastante contundente o modelo social nos séculos XVIII e XIX: “As mulheres eram consideradas como parte da propriedade acumulada por seus maridos; negava-se-lhes a cidadania, e tinham os mesmos direitos dos lunáticos e dos deficientes mentais” (HUTCHEON, p. 91).

A narração em *O Tempo e o Vento*, feita a partir da ótica feminina, confirma o que de modo geral ocorre nas obras pós-modernas em que a tradição historiográfica e os valores históricos de neutralidade e transparência são contestados.

Desse modo, pode-se afirmar que a narrativa cumpre a proposta de descentralização do pós-moderno; isto é, desafiar a noção de “centro”, resgatando aqueles que experimentaram uma condição marginalizada. Acentuando uma tendência crescente na contemporaneidade, muito bem representada em *The Electric Kool-Aid Acid Test*, de Tom Wolfe, em que um dos personagens coloca: “Viva às margens!” (HUTCHEON, p. 85). Ao que Hutcheon acrescenta:

(...) as culturas nativa e do “Terceiro Mundo” não formam movimentos monolíticos, mas constituem uma diversidade de reações a uma situação de marginalidade e ex-centricidade percebida por todos. E tem havido efeitos liberadores como efeito do deslocamento da linguagem da alienação (não-identidade) para a linguagem da descentralização (diferença), porque o centro utilizado para funcionar como pivô entre os opostos binários sempre privilegia um dos lados: branco/negro, homem/mulher (...). Porém se o centro é considerado como uma elaboração, uma ficção, e não uma realidade fixa e imutável, o “velho ou-ou começa a desmoronar”, como diz Susan Griffin, e o novo “e-também” da multiplicidade e da diferença abre novas possibilidades (HUTCHEON, p. 90).

Quando o filho de Ana Terra nasceu, foi sua mãe quem fez o parto, cortando o cordão umbilical com a tesoura que anos mais tarde passaria às outras mulheres da família.

Os anos passam... Com os sofrimentos e a dureza das coisas, Ana torna-se cada vez mais amargurada. A cena da morte de sua mãe, em que o grotesco é trazido à superfície numa linguagem árida e seca, exemplifica as transformações ocorridas com a personagem. A esta altura, não restavam mais ilusões nem enganar diante dos fatos: “Seus olhos ficaram secos e ela estava até alegre, porque sabia que a mãe finalmente tinha deixado de ser escrava. (...) Não teria mais que cozinhar, ficar horas e horas pedalando na roca, em cima do estrado, fiando, suspirando e cantando as cantigas tristes de sua mocidade. Ana olhava para o pai (...). Agora ele ia ver o quanto valia a mulher que Deus lhe dera” (VERÍSSIMO, 1994, p. 79).

Por muitas vezes Ana e Pedrinho ouviram o barulho da roca. Nestes momentos, ela acreditava ser sua mãe, que mesmo depois da morte continuava a trabalhar. Se a vida já era difícil, a invasão do rancho dos Terra por um bando de castelhanos vem piorar ainda mais o cenário.

Seu pai Antônio e dois escravos foram mortos (Horácio estava morando em Rio Pardo), Ana foi violentada, tudo fora destruído.

Eulália sua cunhada, Rosinha, sua sobrinha e Pedro, filho de Ana Terra, sobreviveram escondidos no mato. Ao final da chacina, Ana e seu filho enterram seus

mortos,, E naquela imensidão de terras, não lhes restava nada: “Ana auscultou o coração do pai: já não pulsava mais; fechou-lhe os olhos sem emoção e depois foi encostar o ouvido no peito de Antônio, cujo coração também cessara de bater. (...) enrolou-os nas estopas que serviam de repartição na casa, tomou da pá e começou a cavar as sepulturas. Quando ela cansava, Pedro revezava-a no trabalho” (VERÍSSIMO, 1994, p. 99).

Tempos depois, quando as carretas de Marciano Bezerra passam por ali, em demanda das sesmarias, as duas mulheres e as duas crianças seguem com eles.

Ela havia escolhido o caminho: sair para longe e ajudar a fundar uma nova cidade. A morte vai definir a sorte e a libertação de Ana da opressão masculina. Ana Terra segue para a longínqua Santa Fé, fugindo da solidão, da família chacinada, do assassinato de Pedro Missioneiro.

É a fuga do passado. A protagonista torna-se a personificação desta tragédia fundadora. E depois de tudo consumado, consola sua cunhada: “Não há de ser nada. Deus é grande.” (VERÍSSIMO, 1994, p. 113), “E em pensamento completa a frase: Mas a serra é maior” (VERÍSSIMO, 1994, p. 79).

Quando a carreata chega às novas terras, todos acabam fincando raízes. Eulália se une a um viúvo e cria a filha Rosa. Estão lançando os alicerces de Santa Fé. Ana recusará inúmeras propostas de casamento, criando seu filho sozinha, longe do jugo masculino, fazendo suas escolhas, enfim, tornando-se sujeito de sua existência. E, agora, finalmente ela possuía o espelho que tanto desejara nos tempos de menina: “Tinha agora em casa um espelho, presente que Pedro lhe trouxera duma de suas viagens à Vila do Rio Pardo. De raro em raro, Ana tirava um minuto ou dois para se olhar nele. Era esquisito... Tinha sempre a impressão de estar na frente de uma estranha” (VERÍSSIMO, 1994, p. 124).

A trilogia de *O Tempo e o Vento* está impregnada de importante conteúdo social. A obra irá contar a saga das famílias e das cidades, na formação de uma “nação”, assim sendo a obra vem justificar aquilo que Jacques Le Goff define como uma das proposições da História Nova:

Porque em nosso mundo, onde muda a memória coletiva, onde o homem, o homem qualquer, diante da aceleração da história quer escapar da angústia de tornar-se órfão do passado, sem raízes, onde os homens buscam apaixonadamente sua identidade, onde procura-se por toda parte inventariar e preservar os patrimônios, constituir bancos de dados, tanto para o passado quanto para o presente, onde o homem apavorado procura dominar uma história que lhe parece escapar, quem melhor do que a História Nova pode lhe proporcionar informações e respostas? (LE GOFF, p. 51)

Pedro, já moço, volta de uma guerra e se casa com Arminda Mello. Desse casamento nascerá um casal de filhos, Juvenal (1804) e Bibiana (1806).

Foi Ana Terra quem trouxe sua neta ao mundo. A avó usou a velha tesoura enferrujada para cortar-lhe o cordão umbilical e demonstrou muita amargura ao constatar que mais uma mulher chegava: “No inverno de 1806 Ana ajudou a trazer para o mundo seu segundo neto, uma menina que recebeu o nome de Bibiana. Ao ver-lhe o sexo, a avó resmungou: ‘Mais uma escrava’. E atirou a tesoura em cima da mesa num gesto de raiva e ao mesmo tempo alegria” (VERÍSSIMO, 1982, p. 138).

Pedro Terra parte para outra guerra, no ano de 1811, e despedindo-se da mãe, lhe diz: “Mãe, tome conta de tudo...” A mãe fica escutando o vento. “Estava de tal maneira habituada ao vento que até parecia entender o que ele dizia...”

A protagonista sempre questionou-se a respeito de sua “sina de mulher”, por sua voz narrativa os papéis sociais são questionados. Ana não conseguia entender o porquê das guerras; achava que os homens tinham maneiras incompreensíveis de ver o mundo e as coisas, em particular as “peleias”. Enquanto às mulheres cabia somente esperar: “E em certas noites, sentada junto do fogo ou da mesa, após jantar, Ana Terra lembrava-se de coisas de sua vida passada... E nas noites de ventania ela pensava principalmente em sepulturas e naqueles que tinham ido para outro mundo” (VERÍSSIMO, 1994, p. 121).

O vento será uma espécie de demarcador de acontecimentos, assim como a velha Figueira, símbolo da permanência através dos tempos. Muitos anos depois, sua neta Bibiana, já mulher feita, ouvia a avó dizer, quando ventava: “Noite de vento, noite dos mortos...” (VERÍSSIMO (1994), p. 142).

Em *O Tempo e o Vento*, o heroísmo não é uma exclusividade masculina, ao contrário, o heroísmo feminino é tão ou mais representativo. A mulher é o tempo, que fixa raízes, e o homem é o vento, conquistador e passageiro.

Bibiana será a continuação da matriz Ana Terra. Já na adolescência, dará demonstrações do modo determinado com que fará suas escolhas; contrariando as expectativas femininas de seu tempo não aceita um casamento de conveniências com Bento Amaral, prefere entregar-se a seus desejos e sentimentos, casando-se com um homem pouco convencional, Rodrigo Cambará.

Será a mesma força e determinação da avó que irão mover a neta Bibiana. Sobre essa intensidade feminina em *O Tempo e o Vento*, Tristão de Ataíde comenta: “É patente, em toda a obra de Veríssimo, a tensão entre os dois polos do espírito ibérico: a alma heroica e a alma

lírca; a alma contemplativa e a alma ativa; a alma masculina e a alma feminina” (ATAÍDE, p. 92).

O marido de Bibiana, Rodrigo Cambará, assim como Pedro Missioneiro, caracteriza a figura do forasteiro. Rodrigo irá questionar os valores, quebrar as regras, entretanto acabará conquistando certa simpatia do povoado, contrário ao que ocorreu ao mestiço.

No entanto, as escolhas radicais de Bibiana, terão altos custos, difíceis de serem pagos. Ao optar por um marido errante e aventureiro enfrentará sozinha os revezes ocorridos com sua família, pois em momentos cruciais o marido estava sempre metido em farras e bebedeiras; como no dia em que morrerá sua filha Anita e Rodrigo recusou-se a vir mais cedo para a casa...

A narrativa mítica constitui-se em uma narrativa de *genealogia*, isto é, da criação e da origem dos seres e das coisas: “Existe na mitologia oral gaúcha uma imagem que é uma espécie de sùmula de todos os heróis da sua História e de seu folclore: o macho, o bravo guerreiro, o mulherengo, o homem generoso, impulsivo e livre, principalmente livre” (VERÍSSIMO, 1993, p. 13).

Rodrigo Cambará é a personificação do homem guerreiro sulino, estereótipo bastante clarificado na citação do autor, configurando como que uma espécie de homem que resguarda um comportamento viril, comum à natureza masculina.

Entretanto, a continuidade da família é assegurada pela figura de Bibiana, pois é a esposa que toma conta da venda e dos filhos enquanto o marido aventura-se em uma vida boêmia e irresponsável. Sendo assim, a esposa é quem tomava à frente das questões familiares, assegurando a permanência de todos.

O espírito de resistência das mulheres rio-grandenses aparece ilustrado nas atitudes de Bibiana: “Bibiana preferia resumir seus sentimentos numa frase: É meu marido eu gosto dele” (VERÍSSIMO, 1982, p. 270). E então, reafirmando sua escolha, pois não havia engano nem ilusão quanto ao seu casamento, ela permaneceu até o fim, junto de Rodrigo.

As marcas do tempo vão aparecendo no modo de ser de Bibiana, e esta acaba repetindo a “maldição” que sua avó tanto temia: a sina de mulher... Alguns anos depois, após a morte do marido, que ao invadir a casa dos Amaral é morto com um tiro, a neta irá, assim como sua avó, tornar-se o ponto de continuidade dos Terra-Cambará: “Quando o dia de Finados chegou, Bibiana foi pela manhã ao cemitério com os dois filhos. Estava toda de preto e agora passado o desespero dos primeiros tempos, seria uma grande tranquilidade (...). Seus olhos estavam secos. Às vezes parecia que ela toda estava seca por dentro, incapaz de qualquer sentimento” (VERÍSSIMO, 1982, p. 308).



Há uma contínua decadência financeira na família Terra-Cambará, entretanto, através do casamento entre Bolivar – o filho de Bibiana – e Luzia, o sobrado é resgatado. Embora apaixonado por Luzia, Bolivar alia-se à sua mãe e profere uma intermitente batalha de retomada do poder, metaforizada pelo resgate da propriedade – outrora perdida por dívidas acumuladas...

A figura de Luzia – a nora de Bibiana – é um elemento peculiar na trama, tecendo uma analogia com a lenda gaúcha da Teiniaguá, que conta a história de uma princesa moura transformada em cobra, cuja cabeça é um diamante. A Teiniaguá é dona de uma grande beleza, mas possui uma personalidade sádica.

Assim também é Luzia, a personificação da Teiniaguá lendária. Será ela que enfrentará o matriarcado de Bibiana, ambas travarão uma guerra silenciosa e decisiva aos rumos da família. Porém, Luzia sairá derrotada e seu filho permanecerá em Santa Fé, cumprindo assim, a vontade da avó.

Os valores disputados pelas duas mulheres são os próprios fundamentos que regem o espaço social em que se encontram inseridas – o domínio do sobrado e a posse de Licurgo – o neto em que Bibiana irá projetar-se anos depois.

A sentença final da batalha travada por ambas ocorrerá após o assassinato de Bolivar, o esposo de Luzia. A partir da viuvez a mulher adocece, desfalecendo aos poucos, cabendo a avó Bibiana a decisão sobre tudo e a criação de Licurgo, que guardará poucos registros de sua mãe.

E, anos depois, quando Licurgo se casa e constitui uma família, será Maria Valéria quem assume o novo matriarcado dos Terra-Cambará, afinal nos últimos anos de vida, Bibiana já apresenta uma senilidade e incapacidade acentuadas. A partir de então, Maria Valéria transforma-se no ponto de união e na memória viva de todos, a mão forte que manterá o sobrado, a nova matriarca de todos.

Nas gerações seguintes, apresentam-se mulheres que conservam algumas características de tempos anteriores; entre elas estão Flora, Alice, Silvia e Bibi. Porém, não contam mais com a mesma força, nem a mesma firmeza de suas antecessoras, fundadoras desse império; pois ao longo dos anos, todos experimentam uma lenta e profunda degradação. Entretanto, o fator predominante no ciclo de formação dos Terra-Cambará se dá através da linhagem materna. São as mulheres que permanecem na família, alicerçando as gerações futuras.

A confirmação da participação feminina na construção histórica é mais uma vez ratificada na seguinte passagem de *O Arquipélago III*, em que Floriano, uma espécie de

alterego do narrador, discute com Terêncio Prates sobre a formação da sociedade rio-grandense.

É fato que em uma sociedade falocentrista, onde predominam valores masculinos, a imagem criadora e onipotente também será representada por um deus masculinizado. Em virtude desse conceito, à mulher ficara restrito um papel coadjuvante, de alguém que vive uma incansável imanência e sem capacidade de transcender suas limitações. Existem vários mitos narrativos ao longo da história da humanidade, que reafirmam esses estereótipos femininos. Ocorre que esses mitos acabam servindo como uma espécie de paradigma para justificar um "patriarcado necessário e natural" diante da inferioridade e incapacidade feminina.

Para Joseph Campbell, a riqueza dos mitos não está em elucidar ou revelar algum tipo de significado para a vida, mas o de ser um registro simbólico da própria experiência de estar vivo. O mito capta a vida no seu eterno fluir; pretendia portanto, narrar o passado imemorial e longínquo.

Para os gregos, mito é um discurso pronunciado ou proferido para ouvintes que recebem como verdadeira a narrativa, porque confiam naquele que narra; é uma narrativa feita em público, baseada, portanto, na autoridade e confiabilidade da pessoa do narrador. E essa autoridade vem do fato de que ele ou testemunhou diretamente o que está narrando ou recebeu a narrativa de quem testemunhou os acontecimentos narrados. Quem narra o mito? O poeta-rapsodo. Quem é ele? Por que tem autoridade? Acredita-se que o poeta é um escolhido dos deuses, que lhe mostram os acontecimentos passados e permitem que ele veja a origem de todos os seres e de todas as coisas para que possa transmiti-las aos ouvintes. Sua palavra - o mito - é sagrada porque vem de uma revelação divina. O mito é, pois, incontestável e inquestionável. (CHAUI, p. 23)

A narrativa mítica constitui-se portanto em uma narrativa de *genealogia*, isto é, da criação e da origem dos seres e das coisas. Circunstancialmente, a constatação do narrador torna-se eficaz alusão à condição do indivíduo na contemporaneidade, diante dos falsos valores da coletividade e a crise do homem em busca de uma identidade, tais representações são colocadas em discussão pelo narrador:

— Se nós os gaúchos jogamos fora os nossos mitos, que é que sobra?

Floriano olha para o estancieiro e diz tranqüilamente:

— Sobra o Rio Grande, doutor. O Rio Grande sem máscara. O Rio Grande sem belas mentiras. O Rio Grande autêntico. Acho que à nossa coragem física de guerreiros devemos acrescentar a coragem moral de enfrentar a realidade. (...) A mim me impressiona muito menos uma carga de cavalaria dos Farrapos do que a coragem das mulheres desses guerreiros que ficaram em suas casas esperando os maridos, os filhos e os irmãos que tinham ido para a guerra. As mulheres que

durante horas incontáveis de agonia ficaram ouvindo o uivar do vento no descampado e o lento arrastar-se do tempo (...) Sem mulheres como a velha Ana Terra, a velha Bibiana e a velha Maria Valéria não existiria também o Rio Grande. Elas eram o chão firme que os heróis pisavam. A casa que os abrigava quando eles voltavam da guerra. O fogo que os aquecia. As mãos que lhes davam de comer e de beber. Elas eram o elemento vertical e permanente da raça. (VERÍSSIMO, 1962, pp. 863-864)

Nessa direção, a trilogia *O Tempo e o Vento*, enquanto narrativa pós-moderna e enquanto metaficção historiográfica, apresenta pretensões à verdade, na medida em que problematiza a História, propondo uma revisão dos fatos a partir de uma “visão de baixo” como tem feito a Nova História, baseada na *École des Annales*.

Essa revisão é feita por meio de uma voz narrativa que refuta e dessacraliza o discurso oficial de apropriação masculina. Desse modo, trazendo à tona as vozes femininas e suas figurações que se fazem direta e contundentemente responsáveis pela formação da saga riograndense.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ATAÍDE, T. **O Contador de Histórias**. São Paulo: Globo, 1972.
- BURKE, P. **A Escrita da História. Novas Perspectivas**. 4ª ed. trad. Magda Lopes. São Paulo. Unesp., 1992.
- CHAUÍ, M. **Filosofia – Ensino Médio**. São Paulo: Ática, 2003.
- CHAVES, F. L. **Érico Veríssimo: Realismo & Sociedade**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- HUTCHEON, L. **Poética do Pós-Modernismo**. trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LE GOFF, J. **A História Nova**. 4ª ed. trad. Eduardo Brandão. Martins Fontes: São Paulo, 1998.
- MELLO, A. C. **Ana Terra: Uma Tragédia Fundadora**. Disponível em: <<http://www.plataforma.paraapoesia.com.br>> Acesso em 03 ago. 2005.
- MONTENEGRO, O. **O Romance Brasileiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.
- VERÍSSIMO, E. **O Tempo e o Vento. O arquipélago**. 1ª ed., t. I. Porto Alegre: Globo, 1961.
- \_\_\_\_\_. **O Tempo e o Vento. O arquipélago**. 1ª ed., t. II. Porto Alegre: Globo, 1961.
- \_\_\_\_\_. **O Tempo e o Vento. O arquipélago**. 1ª ed., t. III. Porto Alegre: Globo, 1962.
- \_\_\_\_\_. **O Tempo e o Vento. O Retrato**. 3ª ed., t. I. Porto Alegre: Globo, 1976.
- \_\_\_\_\_. **O Tempo e o Vento. O Retrato**. 8ª ed., t. II. Porto Alegre: Globo, 1976.
- \_\_\_\_\_. **O Tempo e o Vento. O Continente**. 20ª ed., t. I. Porto Alegre: Globo, 1982.
- \_\_\_\_\_. **O Tempo e o Vento. O Continente**. 22ª ed., t. II. Porto Alegre: Globo, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Um Certo Capitão Rodrigo**. 30ª ed., Globo: São Paulo, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Ana Terra**. 35ª ed., Globo: São Paulo, 1994.